

Linhas, rostos e máscaras cirúrgicas: desenhos na pandemia da SARS-CoV-2/ Covid-19

Lines, faces and surgical masks:
drawings in SARS-CoV-2/ Covid-19
pandemic

Líneas, rostros y mascarillas
quirúrgicas: dibujos en la pandemia
SARS-CoV-2/Covid-19

Shakil Y. Rahim¹

1 Professor de Desenho e Desenho Arquitetónico na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Graduado em Arquitetura e Doutor em Arquitetura, especialidade Desenho, pela Universidade de Lisboa, com a tese "As Funções da Atenção Visual do Desenhador no Fenómeno de Desenho de Observação. Uma Aproximação ao Modelo de Funcionamento Cognitivo". Membro integrado do CIAUD/ FA-Ulisboa - Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design. Autor do livro "O Desenhador - Estudos Cognitivos, Artísticos e Fenomenológicos". Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0613-6553>. Email: shakil.rahim@fa.ulisboa.pt

RESUMO

A pandemia de Covid-19 cobriu os rostos com máscaras de proteção, de diferentes formatos e tipologias, que transformou a visibilidade da expressão facial humana. Os desenhos de observação aqui apresentados são instantâneos dessa reconfiguração, realizados em Lisboa a partir de 2020, durante o meu quotidiano na pandemia. Apontamentos rápidos de desconhecidos em espaços públicos, registados in situ, em cadernos ou folhas soltas, com materiais que tinha à mão (ou no bolso). A simplicidade da linha permitiu a urgência da velocidade do registo para reduzir o embaraço da fixação ocular, num contexto vulnerável de saúde pública. A modelação geométrica da máscara rompeu com o cânone das proporções, e alterou a expressão e os elementos mínimos de reconhecimento facial. A relação compositiva olhos-nariz-lábios desapareceu, para dar lugar a outras entidades: olhar-sobrancelha, trapézio da testa, moldura do cabelo, orelhas-cabide e pescoço-pedestal. Na nova ordem visual, o conflito entre identidade e abstração fez acordar os valores simbólicos, sociais e culturais do uso de máscaras na construção da personalidade, na representação de narrativas e na opressão de direitos e liberdades.

PALAVRAS-CHAVE

Desenho; Rosto; Identidade; Expressão Visual; Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic covered faces with protective masks, of different shapes and typologies, which transformed the visibility of human facial expressions. The observational drawings presented here are snapshots of this reconfiguration, carried out in Lisbon in 2020, during my daily life during the pandemic. Quick notes of strangers in public spaces, recorded in situ, in notebooks or loose sheets, with materials I had at hand (or in my pocket). The line's simplicity allowed the recording speed's urgency to reduce the embarrassment of ocular fixation, in a vulnerable public health context. The geometric modelling of the mask broke with the canon of proportions and changed the expression and the minimum elements of facial recognition. The eyes-nose-lips compositional relationship disappeared, to give way to other entities: gaze-eyebrow, forehead trapezium, hair frame, ears-hanger, and neck-pedestal. In the new visual order, the conflict between identity and abstraction has awakened the symbolic, social and cultural values of the use of masks in the construction of personality, the representation of narratives and the oppression of rights and freedoms.

KEY-WORDS

Drawing; Face; Identity; Visual Expression; Covid-19 Pandemic.

RESUMEN

La pandemia de Covid-19 cubrió los rostros con mascarillas protectoras, de diferentes formatos y tipologías, que transformaron la visibilidad de la expresión facial humana. Los dibujos de observación presentados aquí son instantáneas de esta reconfiguración, llevada a cabo en Lisboa a partir de 2020, durante mi vida diaria durante la pandemia. Apuntes rápidos de desconocidos en espacios públicos, registrados in situ, en cuadernos u hojas sueltas, con materiales que tenía a mano (o en el bolsillo). La simplicidad de la línea permitió la urgencia de la velocidad de dibujo para reducir lo pudor de la fijación ocular, en un contexto de salud pública vulnerable. El modelado geométrico de la mascarilla rompió con el canon de proporciones, y cambió la expresión y los elementos mínimos de reconocimiento facial. La relación compositiva ojos-nariz-labios desapareció, para dar paso a otras entidades: mirada-ceja, trapecio de la frente, marco del cabello, orejas-colgador y cuello-pedestal. En el nuevo orden visual, el conflicto entre identidad y abstracción despertó los valores simbólicos, sociales y culturales del uso de mascarillas en la construcción de la personalidad, en la representación de narrativas y en la opresión de derechos y libertades.

PALABRAS-CLAVE

Dibujo; Rostro; Identidad; Expresión Visual; Pandemia de Covid-19.

Do Social ao Individual

A 11 de Março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou situação de pandemia pela Covid-19, uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2). Um pouco por todo o mundo e de forma progressiva, foram aconselhados ou legalmente exigidos, o uso de máscaras faciais como medida de redução dos riscos de propagação do vírus (R0). No âmbito alargado das medidas sanitárias preventivas, a máscara, como equipamento de proteção individual, tornou-se uma barreira contra a dispersão de gotículas expiratórias (na distância e no volume), e multiplicou-se em diferentes tipologias, formatos e graus de segurança.

De máscaras sociais ou comunitárias, em tecido (laváveis e de fabrico doméstico), a máscaras auto filtrantes (tipo FFP) ou máscaras cirúrgicas² com diferentes eficiências de filtração (tipos I, II, IIR), a urgência pandémica cobriu bocas e narizes, e com isso tapou 50% do rosto. O triângulo frontal invertido que no rosto organiza a identidade pessoal da relação olhos-nariz-lábios³ (Iskra E Gabrijelcic, 2016), ficou reduzido à linha e à vibração do olhar-sobrancelha. Com isso, de frente e de perfil, acentuou-se a importância do trapézio da testa e da moldura do cabelo. Como suporte da máscara surgiu reforçado o pescoço-pedestal e as orelhas-cabide.

Estas diferenças morfológicas e de composição tornaram-se progressivamente evidentes nos desenhos de rostos que fui fazendo desde 2020, e dos quais divulgo aqui uma amostra. Os desenhos foram realizados em Portugal, na cidade de Lisboa, no contexto do meu quotidiano durante a pandemia de Covid-19; a maioria em espaços em que era obrigatório o uso de máscaras. Muitos deles retratam os meus alunos, na sala de aula, enquanto se concentravam nas suas tarefas. Outros foram apontamentos rápidos em transportes, filas de supermercado, jardins de bairro, centros comerciais, museus. São desenhos temporalmente distanciados, de desconhecidos que provavelmente nunca irei ver sem máscara. Uns são capturados nas suas atividades, em olhares que se desviam; outros olham-me de frente. Muitos mexem a máscara com frequência, e com isso também o rosto e o corpo. Alguns põe o nariz de fora... a máscara ao queixo.

Neste contexto quotidiano, os desenhos de observação aqui reunidos foram-se acumulando em cadernos e folhas soltas. Aparecem variações de riscadores, seja de natureza, espessura ou cor, como grafites (2B, 6B), canetas de feltro, marcadores fluorescentes, pastel de óleo. Na maioria das vezes o que tinha à mão (ou no bolso), que me permitia traçar linhas.

2 Generalizam-se a partir do século XX, e foi inicialmente desenvolvida pelo jovem médico chinês Wu Lien-teh em 1910.

3 Detetada como área de interesse (AOIs) em estudos de percepção visual, esta estrutura central concentra o maior tempo médio de visualização (2/3) quando comparado com as regiões periféricas do rosto. Deste triângulo, os olhos são os elementos de maior atenção e demora, quando comparado com o nariz e a boca.

A Linha na Urgência da Pandemia

A linha como elemento gráfico teve neste contexto funções de rapidez e captura do momento, dada a vulnerabilidade geral do cidadão na pandemia, e dos acrescidos constrangimentos do meu olhar sobre quem desenha. Porque também eu estava de máscara e o movimento dos meus olhos se tornava ainda mais evidente, o que poderia acentuar incômodos no outro que se sente observado. Um atrevimento numa situação difícil de saúde pública.

Há vertigem neste jogo. As máscaras olham-se sabendo-se máscaras. Usam um olhar que não lhes pertence, e esse olhar, que vê, não se vê. Colocamos no rosto uma máscara e somos outro aos olhos de quem nos olhe. Mas de súbito descobrimos, aterrados, que, por trás da máscara que afinal não poderemos ser, não sabemos quem somos (Saramago, 1985, p. 12).

Além disso, os estudos indicam que a distância tende a aumentar quando estamos de máscara, o que significa que esta pode ser entendida como sinal de perigo (Martinelli et al., 2021, p. 8). No seio desse anonimato, a linha teve também funções descritivas ao desenhar volumes por contornos que distribuem áreas cobertas e não cobertas pela máscara, e ainda assim conseguir extrair a expressão facial, que está condicionada pelos níveis de ocultação visual. *Onde está agora o cânone?* A tradicional proporção do desenho de anatomia do rosto, que define métricas orientadoras⁴ (Fau, 2009, p. 65), é substituída por um modelo de proporções baseado na simulação de probabilidades de localização de elementos não visíveis. Ao contrário de Kovaliov⁵, o volume do nariz não desapareceu, até parece estar mais presente.

Ficou evidente que o desenho da geometria da máscara está, na maioria dos desenhos, orientado a uma modelação própria, resultado da frequência com que aparecem as máscaras cirúrgicas de tecido-não-tecido (TNT), com camadas sobrepostas e ajuste metálico no nariz, que criam pregas e volumes sobre a topografia do rosto. Os elásticos rematam a tensão visual e as costuras sublinham uma espécie de moldura na máscara, que no desenho de linha ajudam a demarcar as fraturas da transição morfológica para a pele (ou barba). Nas máscaras de “bico de pato” (FFP2), que aparecem pouco nestes desenhos, também porque me cruzei com poucas pessoas que as usavam, o volume é mais estável e o contorno apresenta uma geometria calculada que formaliza o desenho.

Mas em todos os casos, o desenhar destes rostos foi acompanhado com uma interrogação: a máscara mantém os elementos mínimos de reconhecimento

4 O desenho de proporção facial, de tradição clássica e renascentista, organiza o cânone através de módulos, alinhamentos, simetrias, comparações e equivalências, numa tentativa de harmonização da estrutura que institui previsibilidade visual.

5 Referência à personagem do conto “O Nariz”, de Nikolai Gogol (1809-1852), publicado em 1836 na revista *Sovreménnik*, dirigida por Pushkin. Entre o cómico e o absurdo, o Major Kovaliov perde o nariz e vagueia por São Petersburgo numa busca incessante pelo seu nariz. Um conto com evidente alusão metafórica à identidade e à divisão social. Em Portugal, o texto encontra-se publicado pela Assírio & Alvim, com tradução de Nina Guerra e Filipe Guerra.

facial da pessoa? Se tirássemos a máscara, manter-se-ia a identificação? Se sim, porque experimento, com frequência, uma sensação de estranhamento, ou quase *prosopagnosia*⁶, quando o desconhecido retira a máscara e com isso se reconfigura um rosto diferente. Muitas vezes uma face inesperada e uma nova expressão. Uma *visagéité*, no discurso de Deleuze e Guattari, onde a máscara é o rosto em si mesmo e a sua abstração (West, 2004, p. 208).

A Flutuação da Identidade

As flutuações de identidade remetem-nos para as funções simbólicas, sociais e antropológicas do uso de máscaras. Ao longo da história humana, as máscaras tiveram o poder de comunicar e significar uma ampla gama de experiências individuais e culturais. John David Ike et al., em *“Face Masks: Their History and the Values They Communicate”*, resume as intersecções simbólicas e antissépticas da máscara ao longo da histórica:

No teatro Grego e nas práticas funerárias Romanas, a máscara refletia a identidade civil e os valores religiosos. Centenas de anos depois, na Europa dos séculos XVII e XVIII, a máscara da peste comunicou temas de doença, morte e sofrimento. Só mais tarde, através dos avanços da ciência e da medicina, é que as máscaras passaram a significar e comunicar a prática antisséptica e a contenção dos agentes patogénicos respiratórios. Contudo, a pandemia de COVID-19 do século XXI concedeu à máscara uma simbologia ainda mais diferenciada (Ike et al., 2020, p. 994)⁷.

Como artefacto cerimonial, lúdico ou religioso, etimologicamente o termo máscara⁸ associa-se a construção de personalidades, pertença de grupo, alteração de papéis sociais, significados poéticos e representação de narrativas⁹ (fantasia, disfarce e exibição). Já enquanto dispositivo médico ou medida de saúde pública é meio de proteção, representação de dever cívico, solidariedade comunitária e expressão de confiança.

Albert Camus, em *La Peste* (1947), junta na cidade de Oran, um padre (Paneloux), um médico (Rieux), um jornalista (Rambert) e um revolucionário (Tarrou), para questionar as implicações sociais e morais do contágio na experiência humana.

⁶ Desordem neurocognitiva onde a capacidade de reconhecimento de faces está comprometida.

⁷ Tradução de: *“In Greek theater and Roman funerary practices, the mask reflected civic identity and religious values. Hundreds of years later in 17th and 18th century Europe, the plague mask communicated themes of disease, death, and suffering. It was only later through advancements in science and medicine that masks came to signify and communicate antiseptic practice and the containment of respiratory pathogens. However, the 21st century COVID-19 pandemic has granted the mask an even more nuanced symbology.”*

⁸ Em grego o termo “*prosopon*” significa rosto e em latim “*persona*” significa personagem.

⁹ A máscara de “bico de pássaro” usada pela personagem il Dottore da Comedia dell’ Arte, na Veneza do século XVII e XVIII, é uma correspondência direta à indumentaria de proteção usada pelos médicos durante a peste. A invenção desta máscara é atribuída ao médico Charles de Lorme e fundamentada pela teoria dos miasmas. É só no século XIX com a teoria dos germes que se entende os equívocos desta prática.

Seguiram por um pequeno corredor, cujas paredes estavam pintadas de verde-claro e onde flutuava uma luz de aquário. Pouco antes de chegarem a uma porta dupla envidraçada, por trás da qual se via um curioso movimento de sombras, Tarrou fez entrar Rambert numa sala muito pequena, inteiramente coberta de armários. Abriu um, tirou de um esterilizador duas máscaras de gaze hidrófila e estendeu uma a Rambert, convidando-o a pô-la. O jornalista perguntou se aquilo servia para alguma coisa e Tarrou respondeu que não, mas que dava confiança aos outros (Camus, 2021, p. 177).

Contra um agente invisível, uma pandemia não é só um evento biológico, é um processo social e a representação de um sistema de valores. Enquanto obstáculo de comunicação verbal e de expressão facial não-verbal, a máscara foi muitas vezes recusada, considerada inútil e entendida como meio de opressão de direitos e liberdades. Estigmatizada como símbolo visível de infecção, foi também usada como mensagem política e ideológica, e instrumentalizada nos fenómenos de desinformação e alarme social. O politólogo Ivan Krastev lembra o artigo de opinião **“Lo stato d’eccezione provocato da un’emergenza immotivata”** do filósofo italiano Agamben, que em fevereiro de 2020 criticava as medidas de emergência do “estado de exceção” como um perigoso novo paradigma do liberalismo (Krastev, 2020, p. 83-84).

As pragas históricas transformaram a sociedade, a economia, a arte, os paradigmas e as urgências do futuro. Em finais de janeiro de 2022, data em que escrevo este texto, as estatísticas da Universidade Johns Hopkins¹⁰ sinalizam que a pandemia de Covid-19 já infetou 350 milhões de pessoas e morreram mais de 5 milhões¹¹. Nesta propagação não linear, “o contágio é uma infecção de nossa rede de relações” (Giordano, 2020, p. 14), e as máscaras que vejo e que desenho, que ora ocultam e ora desvendam, é em mim o relembrar da esfera alargada do grupo de relações anónimas a que chamamos humanidade.

10 Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

11 Na Europa, a Peste Negra (1347-1350) matou 100 milhões de pessoas, e a Gripe Espanhola (1918-19) infetou 500 milhões e matou 50 milhões (IKE et al., 2020, p. 993).

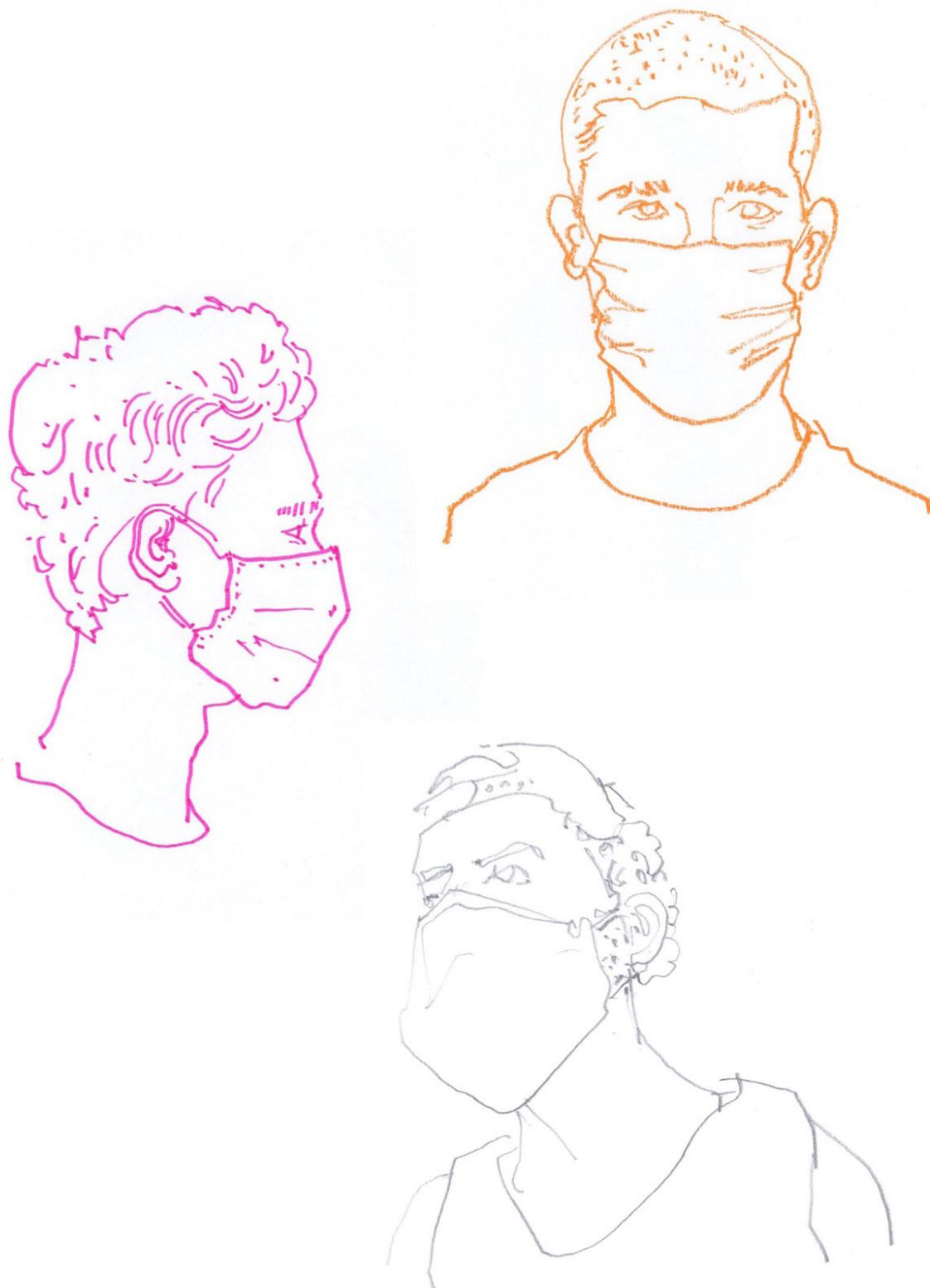


Fig. 1. Shakil Y. Rahim, *Três Rostos I*, *Pandemia Covid-19*, Lisboa, 2020. Fonte: Acervo Pessoal.

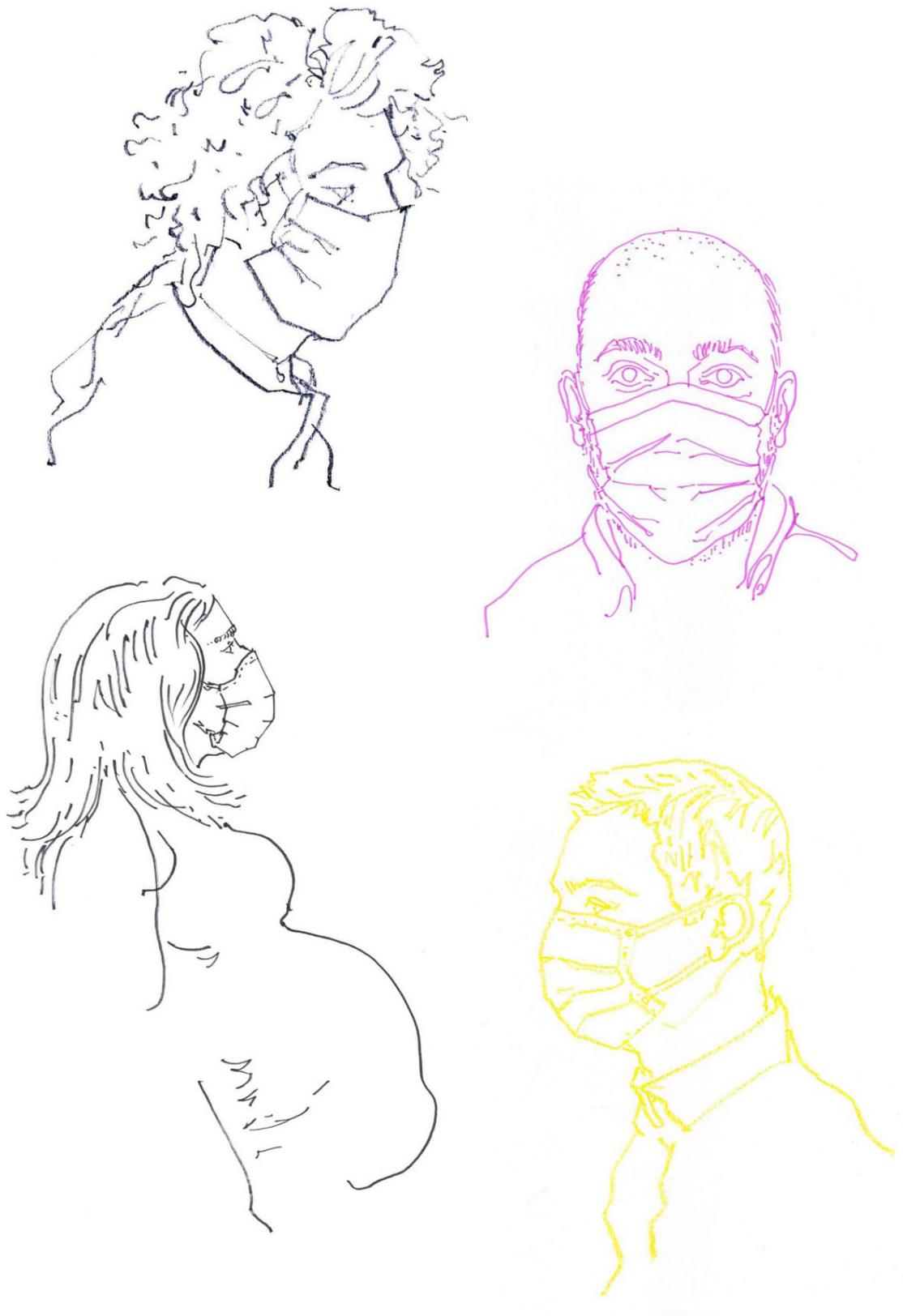


Fig. 2. Shakil Y. Rahim, *Quatro Rostos I*, *Pandemia Covid-19*, Lisboa, 2020. Fonte: Acervo Pessoal.



Fig. 3. Shakil Y. Rahim, *Cinco Rostos I, Pandemia Covid-19*, Lisboa, 2020. Fonte: Acervo Pessoal.



Fig. 4. Shakil Y. Rahim, *Cinco Rostos II, Pandemia Covid-19*, Lisboa, 2021. Fonte: Acervo Pessoal.

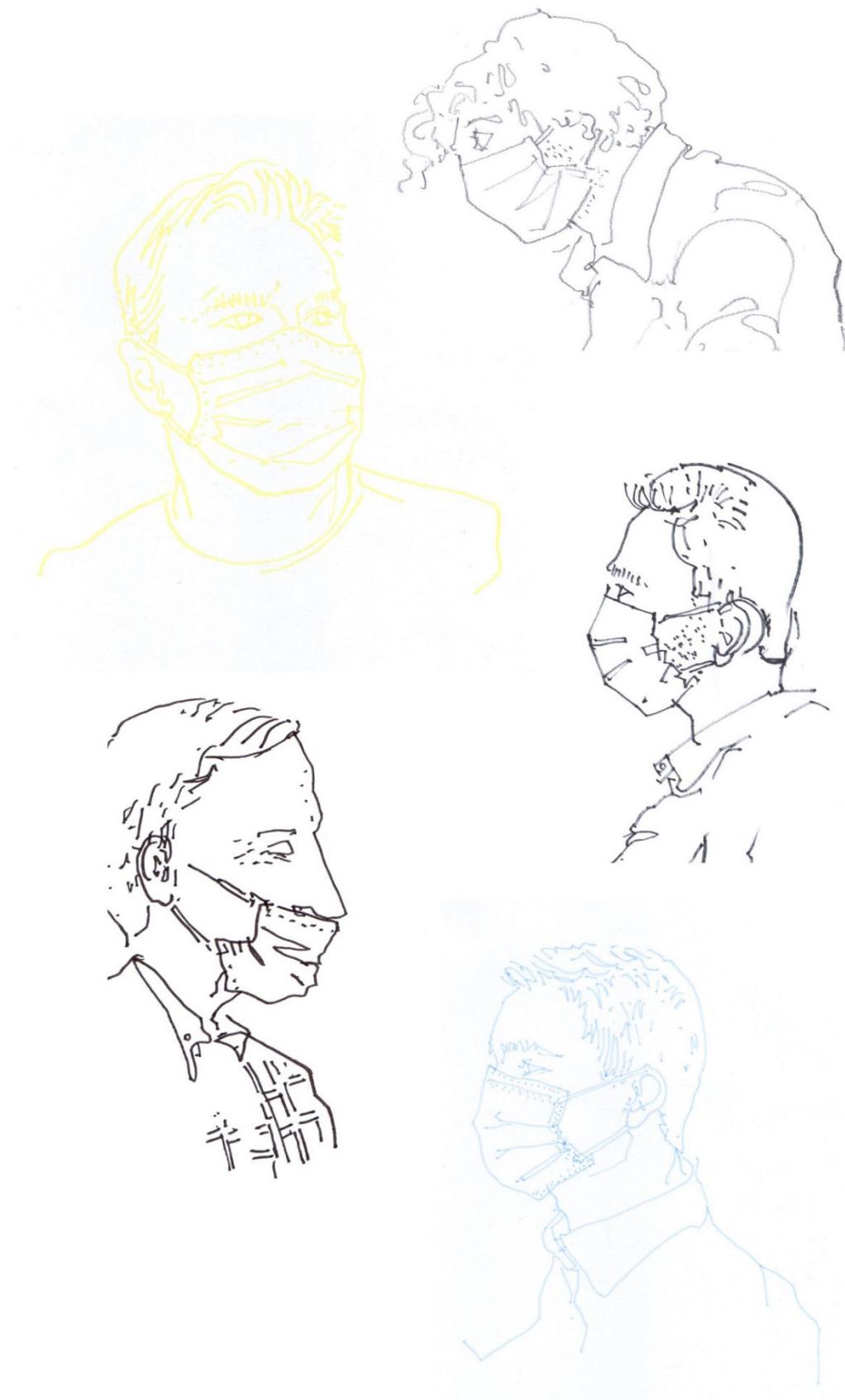


Fig. 5. Shakil Y. Rahim, *Cinco Rostos III, Pandemia Covid-19*, Lisboa, 2021. Fonte: Acervo Pessoal.



Fig. 6. Shakil Y. Rahim, *Cinco Rostos IV, Pandemia Covid-19*, Lisboa, 2021. Fonte: Acervo Pessoal.

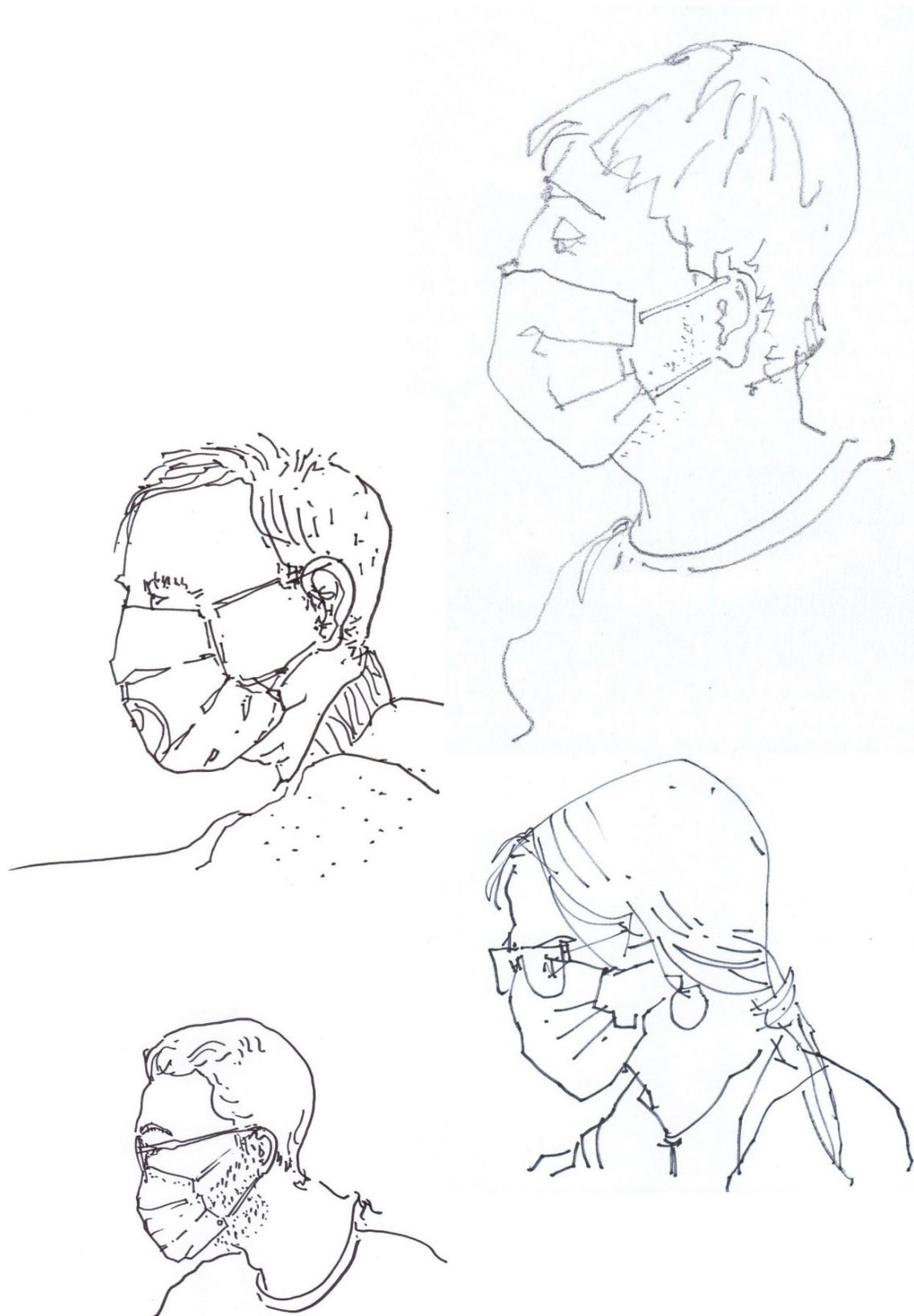


Fig. 7. Shakil Y. Rahim, *Quatro Rostos II, Pandemia Covid-19*, Lisboa, 2021. Fonte: Acervo Pessoal.

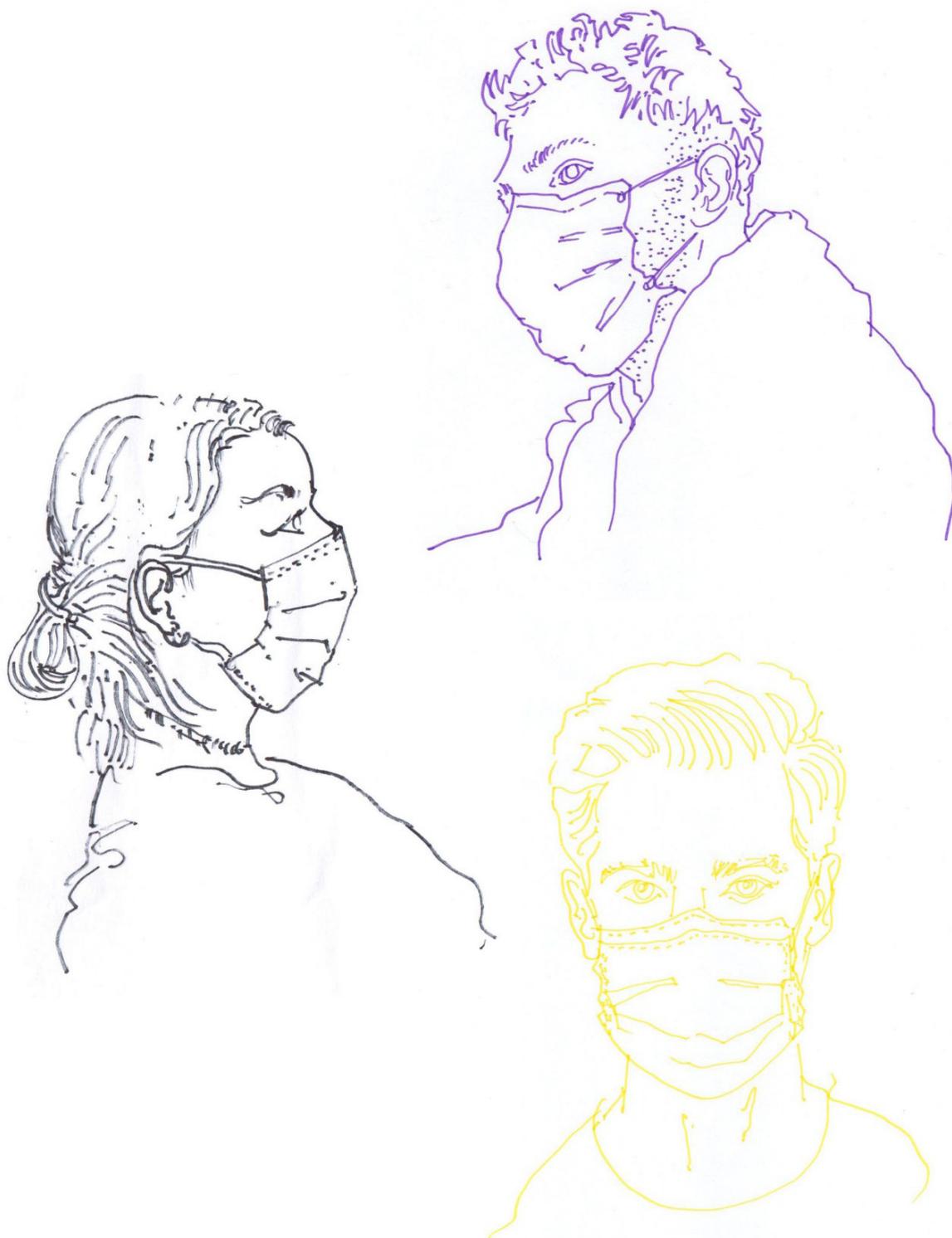


Fig. 8. Shakil Y. Rahim, *Três Rostos II*, *Pandemia Covid-19*, Lisboa, 2021. Fonte: Acervo Pessoal.

Referências

CAMUS, Albert. **A Peste. Porto**: Livros do Brasil/ Porto Editora, 2021.

FAU, Julien. **Human Anatomy for Artists**. Mineola, New York: Dover Publications Inc., 2009.

GIORDANO, Paolo. **Frente ao Contágio**. Lisboa: Relógio D'Água, 2020.

GÓGOL, Nikolai. **O Nariz. Lisboa**: Assírio e Alvim, 2007.

IKE, John David; BAYERLE, Henry; LOGAN, Robert A.; PARKER, Ruth M. Face Masks: Their History and the Values They Communicate. **Journal of Health Communication**, v. 25, n. 12, p. 990-995, 2020.

ISKR, Andrej; GABRIJELCIC, Helena. Eye-tracking analysis of face observing and face recognition. **Journal of Graphic Engineering and Design**, v. 7, n. 1, p. 5-11, 2016.

KRASTEV, Ivan. **O Futuro por Contar**: Como a Pandemia Vai Mudar o Mundo. Lisboa: Objetiva, 2020.

MARTINELLI, Lucia; KOPILAS, Vanja; VIDMAR, Matjaz; HEAVIN, Clara; MACHADO, Helena; TODOROVIC, Zoran; BUZAS, Norbert; POT, Mirjam; PRAINSACK, Barbara; GAJOVIC, Srecko. Face Masks During the COVID-19 Pandemic: A Simple Protection Tool With Many Meanings. **Frontiers in Public Health**, v. 8, n. 606635, p. 1-12, 2021.

SARAMAGO, José. As máscaras que se olham. JL- **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, p. 12, 26 nov., 1985.

SHEARER, West. **Portraiture**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

Submissão: 05/10/2023

Aprovação: 28/11/2023